

# Esporte e cultura

Ana Lúcia Moura  
Tarciano Ricarto  
Da equipe do **Correio**

No Paranoá, há poucos atrativos para a juventude além da escola. A cidade tem apenas quatro quadras de esportes, um ginásio, um parque e duas boates. “Diversão para nós é ir aos bares, às lanchonetes e conversar nas ruas”, revela Gladson da Silva, 16 anos, que faz supletivo à noite e trabalha todos os dias durante a tarde.

O diretor da Liga Desportiva do Paranoá, Marco Antônio Costa dos Santos, trabalha para combater a falta de lazer. Ele dá palestras para jovens do Paranoá que se envolveram com drogas. Organiza também, em parceria com a administração da cidade, campeonatos esportivos juvenis. “A ociosidade é uma das causas da marginalidade entre adolescentes”, afirma.

Não é preciso andar muito no Paranoá para confirmar as palavras de Marco. Logo ali, na esquina de outra rua, um grupo de adolescentes conversa ao lado de uma barra de musculação. O instrumento foi construído por eles com troncos de madeira e uma barra de ferro.

Alguns meninos do grupo estão sentados na calçada quebrada. Outros, encostados no muro de uma casa, fumam cigarros. Um terceiro garoto sobe e desce na barra. Os braços são fortes. “Ficar em casa é ruim. Aqui pelo menos a gente conversa, nem vê o tempo passar”, afirma Rafael Lima, 16 anos, que, assim como Gladson também faz o supletivo.

Enquanto ele fala, quatro crianças brincam de bolinha de

gude, ao lado da barra de ferro. Tentam acertar o pequeno buraco cavado no chão. Vibram quando conseguem. “A gente brinca também de futebol e lutinha”, revela um deles, João Paulo Rodrigues, 9 anos. A lutinha de fala o menino é bater no coleguinha até ver quem ganha.

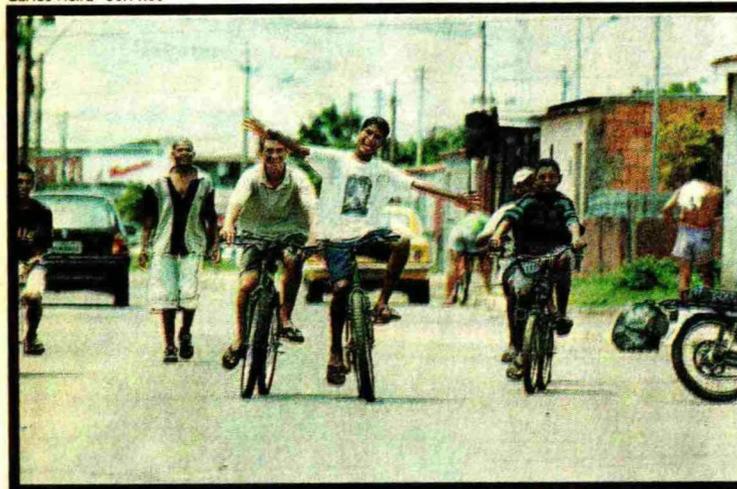
Ao ouvir a pergunta sobre o que poderia existir em sua cidade para as crianças se divertirem, ele demora a responder. Coloca a mão no queixo e pensa por vários minutos. “Um parquinho”, diz. Só? “Um circo também”, acrescenta.

Outra garotinha, Jaciara da Rocha, 12 anos, pede para falar também: “Queria que tivesse uma livraria aqui, perto da minha casa.” Jaciara faz a 5ª série e gosta de ler. Em casa, ela tem um cantinho secreto no quarto onde guarda com todo cuidado alguns livros coloridos de história infantil. Ganhou de uma tia. Só não deixa o irmão pequeno, que também dorme no quarto, descobrir o esconderijo. “Ele risca as folhas”, conta.

## CULTURA PARA TODOS

**O**Gama foi mais generoso com os adolescentes em matéria de diversão, se comparado a Santa Maria. A cidade tem um shopping com dois cinemas e 20 quadras poliesportivas em condição de uso, segundo a Administração Regional, além de duas boates e pracinhas espalhadas nas entrequadras. Os adeptos do esporte contam com uma pista de cooper com cinco quilômetros de extensão. Há ainda o chamado Parque da Prainha, com duas piscinas naturais e área para piquenique. E dezenas de barzi-

CarlosVieira 30.11.00



**GAMA: COM BOAS OPÇÕES DE LAZER, CIDADE DIMINUIU ÍNDICES DE VIOLÊNCIA**

CarlosVieira 30.11.00



**IVONEIDE DOS SANTOS: PARTIDAS DE SINUCA NAS TARDES DE SANTA MARIA**

nhos.

Mas há quem reclame da falta de opções. “Deveria ter mais quadras de esporte perto de casa”, reivindica Guilherme Santos, 14 anos. “Deveria ter programa de esporte”, reclama Geovane Bispo, 16 anos.

A cabeleireira Ilma da Costa, mãe de Leandro da Costa, um dos adolescentes da turma, também demonstra insatisfação. “Eu acho que aqui não tem nada

para o jovem fazer”, critica. Ela se ressentiu pela falta de opções para manter meninos e meninas longe das ruas e ocupados com atividades esportivas e culturais. “Qual é o pobre que pode pagar uma escolinha de futebol para um filho, com uma mensalidade de 30 reais?”, indigna-se. “Eu não posso”.

A opinião de Célio Rafael, 15 anos, vai de encontro à de todo o grupo. “Eu acho suficientes as

opções de lazer”. Ele é o único da turma de amigos que, além de estudar, faz curso de informática e de teatro. “O de computação é particular. O governo oferece o de teatro”, detalha.

As aulas de teatro fazem parte do projeto Cultura para Todos, lançado há duas semanas pela Administração do Gama. O curso é voltado para os filhos dos funcionários da Frente de Trabalho do governo do Distrito Federal. “São 65 alunos que recebem aulas três vezes por semana, em dois turnos”, explica Francisco Sales, diretor de Cultura da administração.

O curso básico tem duração de um mês e o custo para o Estado é zero. “Os professores são voluntários”, diz Sales. Um dos objetivos dos organizadores é descobrir potencialidades artísticas entre os jovens e direcioná-los para outras áreas como o canto e a dança.

Números da Secretaria de Segurança mostram que a cidade do Gama está menos violenta que no ano passado. Em 1999, ela ocupava a 7ª colocação com um índice de 15,2 homicídios por 100 mil habitantes. No primeiro semestre de 2000, a cidade saltou para a 11ª posição, apresentando 13,3 mortes/100 mil habitantes.

Recentemente, Daniel Oliveira, 19 anos, também fez parte das estatísticas de violência do Gama. Há pouco mais de dois anos, foi recolhido a uma instituição de reabilitação de adolescentes, porque roubou para comprar drogas. Depois, foi transferido para uma clínica de tratamento de dependentes químicos. Curado do vício e sentado numa praça com dois amigos, ele é hoje o retrato do ócio. “Não uso mais drogas, mas também não tenho o que fazer. Procuro serviço e não encontro”.